

Representações geográficas da Ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas no século XVII retratadas na obra do missionário Claude D'Abbeville: um olhar antropológico¹

Jairo Fernando Pereira Linhares, UEMA, Maranhão, Brasil.

Angela de Cassia Costa, UEMA, Maranhão, Brasil.

Maria Ivanilde de Araujo Rodrigues, UEMA, Maranhão, Brasil.

RESUMO

Claude D'Abbeville, desembarcou no Maranhão em 1612, acompanhando a expedição comandada por La Ravardière, e realizou vários apontamentos referentes a geografia (relevo, clima, fauna, flora) e antropologia local, resultando na obra de sua autoria, "História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas". O objetivo deste estudo consistiu em analisar referências geográficas contidas na obra, e a partir do conjunto desses registros, compreender a lógica dessa cartografia colonialista. Como estratégia para obtenção de informações relativas a geografia, os franceses catequizaram e ofereciam proteção contra inimigos aos índios convertidos que eram transformados em súditos da coroa francesa, para assim estreitar laços e deste modo, impor a sua cultura dominante para obtenção de notas geográficas de seu interesse.

Palavras-chave: Território; etnografia; recursos naturais.

ABSTRACT

Claude D'Abbeville, disembarked in Maranhão in 1612, accompanying the expedition commanded by La Ravardière, and made several notes referring to local geography (relief, climate, fauna, flora) and anthropology, resulting in his work, "History of the mission of the Capuchin priests in the Island of Maranhão and surrounding lands". The aim of this study was to analyze geographical references contained in the work, and from the set of these records, understand the logic of this colonialist cartography. As a strategy to obtain information regarding geography, the French catechized and offered protection against enemies to the converted Indians who were transformed into subjects of the French crown, in order to strengthen ties and thus impose their dominant culture to obtain geographical notes of their interest.

Keywords: Territory; ethnography; natural resources.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

INTRODUÇÃO

A chegada do padre capuchinho francês Claude D'Abbeville no Maranhão, se deu em meio da ação tomada pela União Ibérica para assegurar a posse das imensas regiões de ultramar, nas quatro partes do mundo conhecido, constantemente ameaçadas pelos concorrentes oceânicos: França, Inglaterra, e Holanda (CARDOSO, 2011).

Chegando em terras maranhenses, Claude D'Abbeville, acompanhando a expedição comandada por La Ravardière ao Maranhão em 1612, concentrou suas andanças na Ilha grande do Maranhão, Mayoba (atual maioba), Commã (atual Cumã, nome dado à baía localizada entre os municípios de Alcântara e Guimarães) e Coyieup (atual Cujupe, localizada no município de Alcântara), e por fim, Cayeté, atual Bragança, pertencente ao Estado do Pará.

Embora tenha permanecido por apenas quatro meses, realizou anotações sobre vários assuntos, como a astronomia dos tupi no Maranhão, bem como, informações relativas a geografia e etnografia do Maranhão.

A facilidade na obtenção de informações deveu-se ao fato de antes da chegada de Claude D'Abbeville, os franceses já mantinham contato com índios através da catequização cristã e da proteção contra tribos inimigas, oferecendo inclusive armamento, e com isso, configuravam com os indígenas aliados uma relação de súditos da coroa francesa.

Dessa forma, na perspectiva de Bourdieu (1989), com a catequização cristã e a proteção aos índios, deu-se a integração real da classe dominante, garantindo uma comunicação imediata e hierarquizada entre o invasor francês e o índio; propiciando uma falsa integração entre dominantes e dominados, contribuindo dessa maneira para a desmobilização dos indígenas.

De volta à França, Claude D'Abbeville a partir de seus apontamentos escreveu a obra intitulada, "Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonuoisines", publicada inicialmente em Paris em 1614.

Em 1874, duzentos e sessenta anos mais tarde, surge a primeira edição brasileira traduzida para o português com anotações de Cezar Augusto Marques, publicada sob o título "Historia da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças". A segunda versão brasileira da obra, publicada em 1945 e traduzida por Sérgio Milliet, com anotações de Rodolfo Garcia, publicada

pela Biblioteca Histórica Brasileira. Em 1975, foi reeditada a versão da obra publicada em 1945 com a tradução de Sérgio Milliet, pela Editora Itatiaia em coedição com a Editora da Universidade de São Paulo.

O objetivo deste estudo consistiu em analisar referências geográficas contidas na obra, e a partir do conjunto desses registros, compreender a lógica dessa cartografia colonialista.

CLAUDE D'ABBEVILLE: Relato Bibliográfico

Nasceu na metade do século XVI, com o nome de Firmino de Foulon, ingressou na ordem capuchinha em 1601, e adotou sobrenome de sua terra natal. Participou da missão francesa ao Maranhão sobre a qual publicou um relato. (MARTINS, 2008)

Essas missões expressam concepções e representações típicas da sociedade da França de sua época. Segundo Pianzola (1991, p. 36), “Cita com facilidade os autores latinos, gregos e as Escrituras em hebraico, mas não se pode atribuir-lhe leituras modernas”.

Ele tinha formação em Teologia e inúmeras representações sobre o período medieval, e sua ética, Claude D'Abbeville se utiliza de pensamentos do renascimento, o que demonstra já um pensamento transitório, como afirma Cabral (1990).

Há um nítido esforço para explicar o mundo, através de um pensamento racional “[...] Essa descrição, entretanto, está envolvida por uma dimensão divina [...] Visa, sobretudo, elevar o leitor a um plano superior, a refletir sobre a sabedoria e a grandeza de Deus” (CABRAL, 1990, p. 103).

Dito isto, Claude D'Abbeville fala sobre os valores culturais ocidentais em sua expedição, sendo assim apresenta oposições aos costumes indígenas, e tenta justificar isso com a necessidade de educar esses nativos pela fé, com um intuito de manter a ordem crista. Ele fala em sua narrativa das vantagens da missão, e estímulo de investimentos. Assim, com o fracasso da França Equinocial, retornou para a França onde faleceu em Ruão em 1616. (MARTINS, 2008).

REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS DA ILHA DO MARANHÃO E REGIÕES CIRCUNVIZINHAS SEGUNDO CLAUDE D'ABBEVILLE

A ilha do Maranhão para aqueles tempos ficava em área favorável para os indígenas, pois de acordo com sua localização geográfica, e encaminhar até era tarefa. Os colonizadores chegaram com dificuldades aqui algumas vezes, franceses, portugueses, holandeses, entre outros conseguiram, e trouxeram no meio de suas tripulações vários cronistas, que escreveram sobre a localidade e as pessoas que viviam aqui, entre esses, o missionário Claude d'Abbeville, que era um capuchinho francês, ele ficou 4 meses no Maranhão, nesse período na posse dos franceses, ele escreveu um livro que descreve sua missão nos meses que passou na Ilha do Maranhão, sobre os índios e suas aldeias, sobre a terra e seu clima, sua flora, sua fauna. Claude D'Abbeville (1975) conta que: “Esta Ilha é a chave de todo o país, porque tem mais de 400 lagoas de costa, e por ellas não se pode chegar á terra firme, e nem às nações, que a habitam”.

Se alguém pretender entrar d'este paiz, e quizer ir para a terra firme, convem entrar primeiro na Ilha grande do Maranhão, chave de entrada do paiz, porque d'ahi póde ir em canoas ou barco até a fóz dos rios no fundo da Bahia depois ganhar a terra firme e seguir para onde lhe aprouver (D'ABBEVILLE, 1975, p. 208)

Claude D'Abbeville (1975) diz que os principais obstáculos para chegar na Ilha do Maranhão eram: os recifes aos arredores da ilha que impossibilitava a passagem de embarcações grandes e pesadas. Portanto para chegar ao destino era necessário aportar numa ilha próxima e menor chamada Santana e de lá pegar barcos menores para fazer a travessia; se arriscar a pé também era uma tarefa complicada devido aos manguezais, bioma local que fechava o caminho por terra, e pela presença das areias movediças que se tornavam armadilhas mortais para aqueles que aventurassem a atravessar.

Ao falar se referir aos aldeamentos indígenas, Bandeira (2013) destaca que Claude D'Abbeville relatou a existência de 27 (vinte e sete), sem contar com o Forte São Luís, mas apenas algumas há informações sobre uma localização geográfica, mais nítida, estão situadas na ponta do rochedo, em uma praça central, sendo buscamos informações de localização geográfica de cada aldeia. Então observa-se algumas informações geográficas sobre estas aldeias de Claude D'Abbeville:

Está a primeira aldeia na ponta de terra vizinha ao lugar de desembarque na Ilha Grande, vindo da Ilhazinha de Santa Ana: chama-se Timboú. Esta aldeia chamada Uatimbup, raiz de timbó. Chama-se o principal Uirapoutian, “Brasil”. É um grande guerreiro, muito amigo dos franceses. Esta aldeia é vizinha do Junipará. A nova aldeia, a maior e mais saliente de todas, chama-se Junipará, que significa jenipapo amargo, fruto mui amargo quando não está maduro. Temos uma aldeia que se chama Eussauap, isto é, “lugar onde se come caranguejo”. É uma das maiores aldeias da Ilha, e onde há quatro principais. Chama-se o primeiro Tatuçu, “tatu grande”; o grande o segundo uma vez; o segundo uma vez Corassaçu, “pescoço comprido”, e outras Mauariaçu, nome tirado de um grande pássaro branco; o terceiro, Taiaçu, “o javali”, o quarto Tapireuíra, “coxa de vaca”. (d’Abbeville, 1975, p. 185-88).

Claude d’Abbeville, fala sobre as aldeias tupinambá da ilha do Maranhão, com olhar etnográfico, onde observou a sociedade indígena, falando de seus hábitos, de suas culturas, da geografia do lugar, e então faz um alerta:

Em primeiro lugar cabe observar que essas aldeias não são como as nossas, e menos ainda se parecem com cidades bem edificadas, cercadas de baluartes ou trincheiras, ou ainda de fossos, com ricos palácios, belas residências e castelos inexpugnáveis. Suas aldeias, a que chamam Oca ou Taba, não passam de quatro cabanas feitas de paus grossos ou estacas e cobertas de cima a baixo com folhas de palmeira a que denominam Pindó, encontrável em grande abundância nas matas ... As casas têm de vinte e seis a trinta pés de largura e de duzentos a quinhentos pés de comprimento, segundo o número de pessoas que nelas habitam. São construídas em forma de claustro, ou melhor, em quadrado como o Place Royale, de Paris, de modo que há sempre entre elas uma praça grande e bonita. As quatro casas assim dispostas, com a praça ao centro, formam uma aldeia. (D’ABBEVILLE, 1975. p.139)

Ele continua sua descrição geográfica, fazendo deslocamentos por povoações, tais como: Timboí Euaíve, os Araçui – Jevue, entre outros, na ilha do Maranhão, reconheceu vinte e sete povoados indígenas.

De acordo com D’Abbeville, os índios da etnia Tupinambá da Ilha do Maranhão se localizavam e moravam matas próximas as praias, o que facilitava a pesca, mas também ficam perto de rios.

Ao encontrarem um lugar adequado punham fogo à mata para limpar o terreno e depois construíam as cabanas bem no centro dessa clareira. Permaneciam por volta de cinco anos, queimando-a posteriormente. Nada informa se esses povoados, destruídos e abandonados, espaços tomados da floresta, eram reutilizados. (D’ABBEVILLE, 1975)

Quando o missionário faz essa impressionante descrição que faz sobre os Tupinambás, ele também descreve como eram elementos climáticos, para a vegetação, a fauna, em alguns momentos para o relevo, o tipo de habitação dos indígenas, e outros elementos que são de suma importância para o enriquecimento

antropológico e etnográfico para várias ciências, sua obra apresenta um importante conjunto de informações sobre as características climáticas da região.

O pensamento eurocentrista da América diz que havia uma área tórrida, ou seja, de calor ao extremo, que seria impossível adaptação humana por aqui, e quando Abbeville chega e descreve o clima da ilha do Maranhão, o mesmo ficou surpreso, e até mesmo maravilhado, pois trazia consigo algo tão fantasioso na cabeça que escreveu o seguinte:

Passando o sol continuamente sobre essa zona tórrida, de um trópico a outro, como em sua morada eterna ou magnífico palácio contempla seus súditos diretamente e de frente, e seus raios sendo perpendiculares e ortogonos, e a reverberação dos mesmos intensos, deve o calor ser extremado a ponto de terem pensado autores acatados (e ainda o pensarem) que somente com grandes dificuldades pode o homem adaptar-se. Mas por merce de Deus, observa-se o contrário na Ilha do Maranhão e terras adjacentes do Brasil, situadas precisamente sob a zona tórrida, a dois meios graus do Equador, onde passando o sol duas vezes pelo seu zênite, seria de fato o calor insuportável não fosse a incomensurável providência divina atenuar e temperar tal ardor por meios muitas vezes maravilhosos. (Abbeville. 1975, p.152-153)

Mesmo observando que o clima era diferente das fantasias eurocentrista, o clima era mais ameno, do que a expectativa, o mesmo não tinha uma explicação científica para tal constatação, e atribuiu tal situação a Deus, como era corrente durante o período em que o pensamento escolástico predominou no contexto da filosofia cristã, mesmo assim D'Abbeville, cita as correntes de ar que chegam da região litorânea, ainda dizendo que era por um quadrante oriental, percorria todo Oceano Atlântico, e ainda dizia que vinha cheias de vapores de água, que eram saudáveis e puros. O impacto foi tão grande que ele descreve da seguinte forma o clima:

Se a temperatura, ou o clima, de uma região depende tão somente da pureza e da doçura do ar, julgo (o que há de parecer paradoxal a muitos) que não existe lugar no mundo mais temperado e delicioso do que este. Passando o sol da Guiné, a leste, para o Brasil, a oeste, atravessa grande extensão de mar e se impregna de vapores puros e limpos que o temperam admiravelmente. Por esta razão é o Brasil salubre e temperado, enquanto a Guiné não o é, por não se achar sob a cobertura de idênticos vapores. (Abbeville. 1975, p.153-154)

Nada mais era que os ventos alísios, no norte e nordeste do Brasil, esses ventos sopram do oceano em direção ao continente, e isso ameniza o calor latente. Claude D'Abbeville era um atento observador, ele citou em sua obra que tais ventos, além de abrandar o calor, eles ajudam nas abundantes precipitações, principalmente no período equinocial, em meados de março.

Pode-se observar também, que além das informações sobre o cursodesses ventos e a mesmo que indiretamente a informações sobre sazonalidade do clima do Maranhão da época, D'Abbeville já fazia a associação das estações secas e chuvosas pelo movimento do sol, mesmo sem saber usa noções geográficas de solstícios e equinócios, e observou também que o índio da ilha do Maranhão fazia isso pela movimentação das estrelas, o que chamamos de Plêiades. Na citação observamos isso:

O frescor da noite, dos rios e regatos, banha os vapores do sol, formados durante o dia e mesmo depois do ocaso, e os condensa tanto mais depressa quanto sutis, e os transforma rapidamente em abundantes e frescos orvalhos que regam e refrescam toda a região, tornando as noites belas e serenas, agradáveis e deliciosas. (Abbeville. 1975, p.155)

E em outra explica períodos secos e chuvosos naquela época:

Além disto a providência divina, que tudo dispõe com sabedoria, tempera o ardor do sol em toda essa região, por meios muito mais extraordinário. Manda à frente do sol, na sua trajetória do trópico de Capricórnio para o trópico de Câncer, grandes chuvas que principiam mais ou menos seis semanas antes de encontrar ele na linha vertical e continuam por dois meses e meio depois de ter ele passado pelo zênite. Duram assim as chuvas de 4 a 4 e meio meses regando abundantemente o ar e a terra, temperando o ardor do sol e fecundando a terra. Estas chuvas começam na Ilha do Maranhão, mais ou menos em fevereiro, e duram até fins de maio ou meados de junho. (Abbeville. 1975, p.155)

D' Abbeville também se convence da agradabilidade do clima da Ilha do Maranhão, pois com certeza analisou a atual situação europeia e o clima da Europa, todas as doenças daquele continente, ele diz

No inverno a terra é estéril na Europa, e no Brasil sempre fecunda; na Europa a terra é horrível no inverno, com a erva morta, as árvores desfolhadas, tudo seco. No Brasil é a verdura permanente, a terra está sempre adornada de belas plantas e de flores diversas e raras. Em suma, há no Brasil uma eterna primavera unida ao outono e ao verão. E uma tal suavidade de temperatura que em qualquer época do ano as árvores têm folhas, flores e frutos, os quais dão tal perfume à atmosfera, que os campos são croceis halantes floribus horti. Não estamos sujeitos na Europa, com as mudanças de estação, a toda espécie de doenças causadas pela inconstância e diversidade do clima? Pois no Brasil estamos sempre bem dispostos, porque temperie coeli corpusque, animus que juvatur. Vivem os homens longos anos. Tão saudável é o clima, que só morrem de velhice' A própria terra, os animais, as águas e os peixes, o ar e os pássaros, as flores são diferentes dos de França em virtude do clima temperado da região. (Abbeville. 1975, p. 154).

Claude D'Abbeville não observou somente o clima, ele também fez considerações sobre vários outros elementos geográficos, como a agricultura e a cidade, senão vejamos as citação abaixo:

Junto ao forte há uma grande praça tão cômoda quanto admirável. Nela se encontram belas fontes e regatos, que são a alma de uma cidade, existindo também todas as comodidades desejadas, como sejam paus, pedras, barro e outros materiais que tornam a construção barata (Abbeville. 1975, p. 58).

Ele ainda descreve em perfeita riqueza, como os indígenas se organizavam em comunidade. Vejamos abaixo as seguintes citações:

A mil ou mil e duzentos passos desse local, deparamos com um belo e aprazível lugar, onde existe uma fonte, particularmente bonita, de excelentes águas vivas e claras. Correm para o mar e é a fonte cercada de palmeiras, guacos, murtas e outras árvores maravilhosamente grandes e copadas, sobre as quais se veem muitas vezes monos, macacas e micos que vão beber água. Nesse lugar delicioso, derrubaram os índios Tupinambás grande número de árvores e, um pouco acima da dita fonte, construíram uma cabana espaçosa e comprida para servir-nos de habitação, e outra ao lado para servir de capela ea celebração do santo sacrifício da missa. E deu-se a esse conjunto de construções o nome de Convento de São Francisco (p. 58).[...] essas aldeias não são como as nossas, e menos ainda se parecem com cidades bem edificadas, cercadas de baluartes ou trincheiras, ou ainda de fossos, com ricos palácios, belas residências e castelos inexpugnáveis. Suas aldeias [...] não passam de quatro cabanas feitas de paus grossos ou estacas e cobertas de cima a baixo com folhas de palmeira [...] (Abbeville. 1975, p. 139).

Claude D'Abbeville friza também que esse indígenas tinham hábitos nômades, pois através de relatos dos próprios indígenas descobriu o seguinte:

Após cinco ou seis anos, pois não costumam ficar mais tempo no mesmo lugar, destroem e queimam a aldeia e vão edificar outra mais adiante, a uma distância de meia légua pouco mais ou menos, dando-lhe, entretanto, o mesmo nome da precedente. Assim fazem, segundo afirmam, pela única razão de terem feito o mesmo seus antepassados (Abbeville. 1975, p. 222).

Sobre a agricultura, ele diz:

Para fazer as roças cortam primeiramente o mato e deixam-no secar durante doze ou quinze dias; deitam-lhe fogo em seguida, de modo a reduzi-lo a cinzas. Limpo o lugar, plantam no centro muita mandioca para farinha; plantam também batatas, ervilhas, favas e semeiam outras ervas e raízes que lhes servem de alimento (p. 226). [...] a terra é tão refrescada pelo sereno da noite e o orvalho da manhã, pelos rios e fontes e pelas chuvas da estação, que sem indústria nem cuidados basta semear a terra e cobri-la, sem sequer cavoucá-la antes, que dentro em pouco se tira bom resultado. [...] E pode-se verificar a bondade e admirável fertilidade dessa terra pelo fato de se poder semear e colher o milho com a mesma abundância três a quatro vezes por ano, donde incalculável lucro (Abbeville. 1975, p. 161).

Observa-se que D'Abbeville realizou seu trabalho seguindo a linha de pensamento descrita nas palavras de Rocha (2006)

Por muito tempo, a etnografia correspondeu à descrição dos costumes de um povo ou tratado sobre as gentes. Apesar desses costumes, de gentes e povos representarem diferentes formas de experiências culturais, em geral diferentes da cultura do etnógrafo, nutria-se a ilusão de que tais descrições eram isentas de juízos de valor.

Se fossemos buscar um pensamento de Pierre Bourdieu (1983) para tentar explicar a obra de Claude D'Abbeville talvez seria os conceitos primários formulados e aperfeiçoados em / *habitus*/ e o de /campo/, pois estes agregam conceitos secundários, não menos importantes, mas que formulam uma análise das relações sociais. A teoria do *habitus* e a teoria do campo são entrelaçadas. O que segundo (Vandenberghe, 1999, p 61) uma é o meio e a consequência da outra Para seguir os passos do processo investigatório de Bourdieu é essencial compreender estes conceitos tanto separadamente quanto na forma como se articulam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações geográficas contidas na obra de Claude D'Abbeville, retratam nitidamente o *modus operandi* da ocupação francesa na tentativa da constituição da França Equinocial. O missionário francês se ocupou primeiramente em registrar os caminhos de acesso ao interior da grande Ilha do Maranhão, evitando os riscos de encalhe das embarcações mais pesadas, bem como, alertando para os riscos das embarcações colidirem com recifes que circundam a região, além de alertar para a intransponibilidade do mangue. Informações sobre o clima, recursos hídricos, flora, fauna, solo e agricultura foram objeto de seus apontamentos. De forma não menos detalhada, até porque sem elas as descrições geográficas não poderiam ser feitas, os franceses se ocuparam detidamente do registro dos aldeamentos indígenas em termos quantitativos e etnográficos acerca dos usos, costumes e modos de vida, para assim estreitar laços e deste modo, impor a sua cultura dominante para obtenção de notas de seu interesse.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L.E. C. **Construção das Narrativas Indígenas Codoenses : Uma leitura a partir das interações missionárias no Maranhão colonial** / Luis Eduardo Cardoso Araújo. - 2019.48 f.

BANDEIRA, A. M. **Os Pioneiros e Seu Legado na Construção da Arqueologia do Maranhão**. V. X, nº19. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983.

CABRAL, M. do S. C. **Uma leitura da obra de D'Abbeville**. *Humanæ Res.* São Luís, v. 1, n. 1, jul./dez. 1990

CARDOSO, A. **A conquista do Maranhão e as disputas atlânticas na geopolítica da União Ibérica (1596-1626)**. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 31, número 61. . 2011, p. 317-338.

D'ABBEVILLE, C. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças**. Livraria Martins Editora, São Paulo. 1975. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221724>. Acessado em: 26/07/2021.

MARTINS, D, M. **“DAS TREVAS DA IGNORÂNCIA À CIVILIZAÇÃO”**: os Capuchinhos e a educação pela fé na França Equinocial (1612 – 1615). Monografia do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão São Luís, 2008.

PIANZOLA, M. **Os papagaios amarelos: franceses na conquista do Brasil**. São Luís: SECMA, 1991.

ROCHA, G. **A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna**. *cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 99-114, 2006

VANDENBERGHE, F. "The real is relational"; an epistemological analysis of Pierre Bourdieu's generative structuralism. *Sociological Theory*, v. 17, n. 1, p. 32-67, Mar. 1999.